

APRESENTAÇÃO

Estudos Etnorraciais, Gênero e Sexualidade na Contemporaneidade

 10.46230/2674-8266-11-2907

Raça, gênero e sexualidade são temáticas debatidas em diversos contextos nos dias atuais. Nos últimos anos com mais ênfase, temos acompanhado nas mídias, em diversos canais e plataformas, depoimentos de agressões, violências de gênero, raciais e sexuais em vários países. Por outro lado, há um grande debate e ações potentes advindas de movimentos sociais e coletivos, situados em vários lugares do mundo, que lutam por legitimidade de corpos, vidas e discursos.

Considerando a linguagem para além de estruturas linguísticas, sabemos que ela constrói, constitui e age na vida social, sendo crucial para que se legitimem certas vidas e deslegitimem outras nas sociedades ocidentais. Neste sentido, a linguagem dá existência aos marcadores corpóreos-discursivos mencionados. Além disso, nos textos que circulam nas práticas sociais emergem e são construídos discursos que marcam e movimentam esses marcadores e também as vidas.

Partindo dessa premissa, este dossiê é composto por 15 artigos divididos em duas grandes seções. Na primeira o foco está na articulação de raça, sexualidade, gênero e o ensino de línguas. Já a segunda é composta por pesquisas cujos marcadores discursivos corpóreos são interseccionados com a mídia e também com a literatura.

A preocupação com os Letramentos em suas múltiplas faces pode ser observada em dois artigos. No primeiro artigo *Literacidad en el Salon de Clases: Identidades sexuales en foco*, Marisela Colín Rodea apresenta as atividades de produção escrita desenvolvidas como parte de uma disciplina de Pós-Graduação. Embasada na proposta de Miller (2015) sobre Letramentos Queer, as sexualidades observadas foram colocadas em negociação e em questionamento. Preocupadas também com os Letramentos, mas raciais, em *Literatura Infantil como meio articulador do letramento racial crítico em sala de aula*, Keila de Oliveira e Aparecida de Jesus Ferreira fazem uma revisão teórica apresentando a relevância do Letramento Racial Crítico para promover discussões sobre identidades raciais das crianças a partir do uso de livros de Literatura Infantil.

A questão do ensino também comparece no artigo de Ayanna F. Brown e David Bloome, *Deconstructing and reconstructing language, race, and power relations in a secondary classroom in the United States*. Os autores, em uma pesquisa etnográfica, abordam as ideologias linguísticas que influenciam o engajamento e as atitudes de estudantes sobre variação linguística e raça. A análise mostra como tais alunos desconstruem, reconstruem e refletem a respeito o uso da linguagem e também das relações raciais.

Já em *Estudos discursivos e identitários em educação: escrita biográfica como caminho para transformação*, Juliana de Freitas Dias e Vanessa Tavares de Matos debatem sobre o papel de projetos educacionais transgressores (HOOKS, 2013) voltados para o enfrentamento das desigualdades sociais e, em especial, de gênero-raça-classe. À luz da Análise de Discurso Crítica, as autoras analisam

produções autobiográficas de professoras do Programa de Ampliação do Projeto Mulheres Inspiradoras a fim de compreender as mudanças identitárias dessas professoras e como essas repercutem na prática docentes dessas mulheres.

Na fronteira entre as duas seções está o artigo Funcionamento dos dispositivos de poder na mídia e na educação: Uma série enunciativa do caos, de Kélvya Freitas Abreu,

Orlando Silva de Oliveira e Maria Patrícia Lourenço Barros. Eles refletem, em uma pesquisa exploratória, sobre a série enunciativa que vem moldando uma narrativa do caos em torno da educação brasileira ao longo dos anos. Em especial, tomamos como recorte temporal as materialidades proferidas na Grande Mídia e pela Mídia Alternativa após a posse do presidente Jair Bolsonaro (janeiro a maio de 2019).

A segunda e última seção agrega artigos que abordam os marcadores discursivos-corpóreos na mídia. No artigo Claudia da Silva Ferreira, mulher arrastada, não! o papel performativo da linguagem na luta por reconhecimento de uma vítima da necropolítica no RJ, Júlio Cesar Salles Boaventura e Aline da Silva Azevedo de Carvalho apresentam um estudo sobre o assassinato de uma moradora do subúrbio do Rio de Janeiro vinculado pela mídia local, à luz dos estudos da linguagem, com objetivo de compreender a relação entre linguagem e violência no processo de genocídio da população negra.

O racismo e a linguagem também podem ser observados em outros dois artigos. Em Os diferentes olhares sobre o caso da festa da revista Vogue Brasil: acepções e perspectivas críticas, de Felipe de Souza Oliveira, Igor Pires Zem El-Dine e Cláudio Márcio do Carmo discutem alguns dos processos de naturalização de práticas sociodiscursivas racistas na sociedade brasileira, tendo como foco os preconceitos evocados em meios midiáticos. Analisa algumas repercussões causadas pela festa de 50 anos da diretora da revista Vogue Brasil, Donata Meirelles, e a sua declaração após o surgimento de polêmicas que envolveram o evento, uma vez que os trajes usados pelas baianas remetiam ao período colonial. Já no artigo Manifestações de racismo e de preconceito no cordel Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, de Firmino Teixeira do Amaral: análise de uma sequência básica de leitura, Leomar Alves de Sousa e Elaine Cristina Testa promovem uma discussão acerca do uso do texto literário em sala, com vistas a promover um debate sobre temas polêmicos para o despertar do letramento crítico. Seguindo a metodologia idealizada por Cosson (2014), as autoras promovem um experimento, em sala de aula, com a leitura da obra Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, do cordelista Firmino Teixeira do Amaral, a fim de expor como os alunos percebem e criticam as manifestações de racismo e preconceito manifestadas pelas personagens.

A questão racial também pode ser observada no artigo “A coisa tá preta”: uma análise discursiva acerca da resignificação da expressão idiomática no videoclipe de Rincon Sapiência, de Antonio Carlos Santana de Souza e Antonio Carlos Santana de Souza, que promove uma discussão acerca da expressão “a coisa tá preta”, no videoclipe de Rincon Sapiência, à luz da análise do discurso materialista histórica, oportunizando também uma reflexão discursiva sobre o dito popular no âmbito do senso comum e a forma como ele é resignificado no videoclipe do rapper Rincon Sapiência.

A intersecção de raça e gênero pode ser observada em “Nós não somos Feministas. Só queremos ser reconhecidas como Pescadoras”: Interseccionalidades e performances narrativas de Pescadoras Negras

em Arraial do Cabo, de Maria Aparecida Gomes Ferreira. Ao longo do artigo, a autora, embasada na perspectiva performativa da linguagem (AUSTIN, [1962] 1990; DERRIDA, 1972) e das performances de gênero e raciais (BUTLER, 1990; 1993; BUCHOLTZ, 2011), traz um estudo de narrativas (SANTOS, 2007; FERREIRA, 2016) que mostra a relevância das performances D/discursivas de gênero e de raça para melhor compreensão da cultura de pesca em Arraial do Cabo (FERREIRA, 2016), além de abordar as ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010) sugeridas nas performances das pescadoras.

A articulação entre sexualidade e gênero são os pontos abordados no artigo Sentidos em torno do corpo transexual: o discurso médico-científico no livro *A Garota Dinamarquesa* de David Ebershoff, de Dánie Marcelo de Jesus, Gabriel Marchetto e Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin, que promove uma discussão de viés analítico-interpretativo, no âmbito da Linguística Aplicada, acerca da perspectiva queer e da corporeidade transexual no discurso médico. Assim, os autores percebem na obra *A Garota Dinamarquesa* uma essencialidade entre identidade de gênero e sexualidade, o que aponta a interseccionalidade do discurso médico-científico para uma concepção sexual binária presente na sociedade. A pesquisa de Alexandre Cadilhe, “Não deveria ter tanta preocupação se o projeto é inócuo”: Trajetórias textuais e indexicalidade nos discursos do projeto de lei Infância sem Pornografia, também aborda a relação gênero e sexualidade, mas em uma trajetória textual que se inicia em um projeto de lei e percorre notícias de jornais. Além disso, o autor traz uma relevante reflexão sobre a educação e o papel desempenhado pela referida lei municipal nos avanços do conservadorismo observados no campo da educação.

Gênero é também a temática discutida em *Como fazer corpos com palavras?* uma reflexão sobre a produção performativa de identidades de gênero. No artigo, Marco Antonio Lima do Bonfim, Claudiana Nogueira de Alencar e José Ernandi Mendes discutem a relação entre linguagem e corpo a partir da teoria dos atos de fala de Austin (1990), problematizando a construção performativa das identidades de gênero, de modo a expor a relação entre corpo, linguagem e poder numa perspectiva pragmática.

No artigo *Discurso em unidades fraseológicas: a expressão “lugar de mulher é onde ela quiser”*, Michell Gadelha Moutinho desenvolve uma discussão que analisa, à luz da análise do discurso pecheutiana, o enunciado “Lugar de mulher é onde ela quiser”. Concebendo o referido enunciado como uma fraseologia, o autor enfatiza o caráter idiomático desse tipo de composição léxica, retomando os aspectos contextuais, ideológicos e políticos por traz dessas fraseologias. Já o artigo *Deixa ela falar*: uma análise semiolinguística de uma obra literária com capa de meme genuinamente brasileiro, de Camilla Ramalho Duarte e Rosane Santos Mauro Monnerat, analisa uma publicação da página do Facebook que chama a atenção para a quantidade de vezes em que a pré-candidata à presidência da república, Manuela D’Ávila, foi interrompida por outros indivíduos, ao participar do programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Recorrendo ao livro “*Garota Interrompida*” cria uma série de deslocamentos e, ao mesmo tempo que denuncia o machismo sofrido pela deputada, critica todos que tentaram subjugar-la, dizendo, indiretamente, “deixa ela falar”.

A composição desse dossiê acerca dos Estudos Etnicorraciais, Gênero e Sexualidade na Contemporaneidade dá visibilidade não apenas às temáticas, mas também abre espaço para a consolidação de intelectuais advindos das “vozes do Sul” (MOITA-LOPES, 2013), visto que a representatividade desses

pesquisadores se configura como um ato de resistência diante do cenário acadêmico, político, econômico e social que vivemos na contemporaneidade.

Ana Lúcia Silva e Souza
Claudiana Nogueira Alencar
Danié Marcelo de Jesus
Glenda Cristina Valim de Melo
Ticiane Rodrigues Nunes
(Organizadores)